

O ataque do partido: estereótipos e enquadramentos na cobertura do *The New York Times* sobre o Brasil durante as eleições de 2022¹

Ana Resende Quadros²
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Resumo

Este artigo analisa a cobertura do site do jornal estadunidense *The New York Times* sobre a acusação feita pelo Partido Liberal, às vésperas das eleições de 2022, de que o sistema eleitoral brasileiro seria passível de manipulação. A partir de uma análise de conteúdo baseada em seis categorias, investigou-se como a imagem do Brasil foi construída na reportagem. Conclui-se que, embora tenha havido reforço de estereótipos de fragilidade institucional, a valência em relação à imagem do país manteve-se neutra, enquanto a do então presidente foi predominantemente negativa.

Palavra-chave: enquadramento noticioso; valor-notícia; identidade brasileira; jornalismo internacional.

Frente a um governo marcado por polêmicas, houve quem se preocupasse que Jair Bolsonaro pudesse prejudicar a imagem do Brasil no exterior (Arias, 2019). Entre essas pessoas, como aponta Marim (2020), estavam importantes nomes da diplomacia brasileira como Rubens Ricupero, Celso Amorim e Marcos Azambuja. Segundo a autora, Ricupero chegou a classificar a imagem do Brasil como “um lixo” graças às atitudes de Bolsonaro. Entre essas atitudes, destacam-se os frequentes ataques à democracia. Um dos fatos que representam esses ataques é a acusação feita dias antes das eleições pelo partido do então presidente, o Partido Liberal (PL), de que o sistema de votação no Brasil era “manipulável”.

O acontecimento foi noticiado pelo jornal *The New York Times* (NYT) no texto “On Eve of Election, Bolsonaro’s Party Attacks Brazil’s Voting Systems” (Na véspera das eleições, o partido de Bolsonaro ataca o sistema de votação do Brasil), publicado em 29 de setembro online e em 30 de setembro na versão impressa do NYT. Neste artigo, buscamos identificar como a imagem do Brasil é retratada na cobertura deste fato. Para tanto, foi feita uma análise de conteúdo, aos moldes de Bardin (2011), do texto citado.

O jornal *The New York Times* foi escolhido por sua grande relevância histórica e amplo alcance entre o público. Segundo dados divulgados pelo periódico, são mais de 10

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação, analista de comunicação social na Câmara Municipal de Pouso Alegre. E-mail: anarquados@gmail.com.

milhões de assinantes e mais de 100 milhões de leitores³. Além disso, como explica Brasil (2013), os veículos noticiosos são a principal fonte de informação do público internacional sobre outros países, sendo, segundo Sales (2016), uma peça importante na construção da imagem nacional no exterior e da própria identidade nacional. Uma mudança nessa imagem pode trazer muitos impactos, por isso, acreditamos ser importante entender como as ações de Bolsonaro e seus aliados foram retratadas internacionalmente.

A Mídia e seu Impacto na Construção de Identidades

A comunicação sempre teve um papel de destaque na sociedade, porém, com a chegada da comunicação em massa, no século XX, o número de pessoas que poderiam ser impactadas por uma mensagem foi escalonado (Thompson, 1998). Hoje, não podemos ignorar que, como explica Braga (2011), os processos comunicacionais provocados pelos meios de comunicação social (MCS) são capazes de produções de sentidos compartilhadas por toda a sociedade. Ao fazerem isso, os meios penetram nos processos sociais, alterando-os conforme sua própria lógica, criando uma “sociedade de comunicação” ou “sociedade mediática”.

Nessa sociedade da mídia, um dos campos centrais é o jornalismo. Essa área, que frequentemente atua em conjunto com poderes econômicos e sociais, reivindica o papel de portadora da “verdade” absoluta e é utilizada para dar voz a opiniões, sejam elas pessoais, referentes a um grupo e até a uma nação (Marcondes Filho, 1989). Mas se é impossível que o jornalismo seja “a verdade”, já que a realidade não pode ser retratada por completo, como esse campo se apresenta desta maneira? Para Tuchman (1996), isso é possível devido ao uso de rituais estratégicos, tais como a aparente objetividade dos textos jornalísticos, a possibilidade de conflito feita por meio do uso de entrevistas com diversas fontes, o uso de documentos que endossem as falas dos entrevistados, servindo de provas auxiliares, além de citações judiciosas, ou seja, do uso de falas dos entrevistados para evitar que seja o próprio jornalista a fazer uma determinada afirmação.

Neste cenário, a escolha das fontes se torna central. Lage (2009) aponta que elas podem ser oficiais (aquelas autorizadas a falar em nome de governos e outras organizações a que concerne o tema), oficiosas (que são ligadas a essas organizações, mas não falam em nome delas), independentes (quando não tem vínculos com relações de

³ *The New York Times* Advertising. *The New York Times*. Disponível em: <https://advertising.nytimes.com/audience-and-insights/>. Acesso em 11 de junho de 2025.

poder ou interesse, como as ONGs), primárias (que oferecem dados centrais da matéria), secundárias (quando servem para fornecer dados contextuais), testemunhas (quando falam sobre algo que vivenciaram ou presenciaram) e experts (que são especialistas capazes de trazerem versões e interpretações dos temas da matéria).

Além da escolha das fontes a serem ouvidas para a matéria, os enquadramentos noticiosos utilizados são vitais para a produção de sentido. Isso porque, como explica Porto (2002), os enquadramentos são a forma como os fatos são apresentados, organizados e destacados. Para D'Angelo e Shaw (2018), é possível dividir os enquadramentos noticiosos em dois grandes grupos: os “genéricos” e os “relativos a tópicos específicos”. No caso do enquadramento genérico existem outras quatro divisões: o enquadramento episódico (focado nos acontecimentos), o temático (focado nos contextos), o de valor noticioso (baseado no local e momento dos acontecimentos) e o estratégico (que foca em contextualizar eventos de campanha e motivações políticas).

Similarmente, Porto (2002) explica existirem quatro tipos de enquadramentos na cobertura política feita pelos jornais. Sendo assim, tentaremos identificar se é utilizada alguma das seguintes abordagens: (a) “corrida de cavalos” (com ênfase em pesquisas eleitorais/de opinião), (b) “episódica” (apenas descreve acontecimento), (c) “temática” (que dá ênfase aos pensamentos dos políticos) e (d) “centrada na personalidade” (que reforça qualidades pessoais).

Para D'Angelo e Shaw (2018), ao contrário do enquadramento genérico, o enquadramento por tópicos é menos suscetível a enquadramentos apresentados pelas fontes jornalísticas. Isso porque eles são, geralmente, baseados na contraposição de vários pontos de vista. Por isso eles costumam estar presentes em textos relativos à ciência e a acontecimentos marcantes.

Porém, independentemente de serem genéricos ou de tópicos específicos, para os autores, enquadramentos são formas de construção de sentido. Assim, textos e imagens enquadradas em jornais servem para criar narrativas, caracterizar ideias e ideologias e até como princípio organizador. Sendo assim, podemos concluir também que esses enquadramentos contribuem para a percepção que se tem da realidade e esta, por sua vez, ajuda a construir e consolidar identidades (Barbosa, 2007). Isso vale tanto para o nível individual quanto para o coletivo, uma vez que, no mundo moderno, as pessoas costumam pensar nas culturas nacionais como parte essencial de suas naturezas (Hall, 2006).

É preciso destacar ainda que, se a identidade se constrói na instância pessoal e social, o mesmo acontece com a História. Para Benjamin (1987), a História é tanto herança particular (o que recebemos da nossa família), quanto coletiva (o que sabemos pela sociedade). Independentemente de sua origem (privada ou social), usamos o passado como forma de embasar nossas ações. Assim, ele tem relação direta com nosso presente e com o nosso o futuro.

Representações do Brasil

No caso brasileiro, não só o nosso passado, mas também a visão externa sobre nós foi essencial para a construção de nossa identidade. Desde que os portugueses chegaram em nossas terras, relatos de viagem ajudaram a construir a ideia do Brasil como um lugar de natureza exuberante e de habitantes bondosos (Lisboa, 1997). Também foram os estrangeiros os primeiros a destacar a miscigenação brasileira (Barbato, 2014).

Ao longo do século XX, a mestiçagem que ganhou maior destaque nas discussões sociológicas, prevalecendo a visão de Freyre (1995) de que a miscigenação era positiva. Essa perspectiva era contrastante com o pensamento dominante na época, quando, como explica Schwartz (2000), acreditava-se que o problema do Brasil não era os recursos naturais, mas as pessoas que aqui habitavam. Ao mesmo tempo, havia uma grande comparação entre o Brasil e os Estados Unidos, tanto no que tange o desenvolvimento econômico quanto na questão racial (Skidmore, 1994).

Foi por meio dessa comparação que Freyre (1995) viu no Brasil uma “democracia racial”, relativizando as violências praticadas durante o período colonial, ainda que percebesse o domínio que os patriarcas que tinham um poder que se aproximaria do “poderio feudal”. Esse “feudalismo” brasileiro teria terminado apenas com a chegada da família real em 1808 (Freyre, 2004), representando a chegada do Estado. Entretanto, diferente do que ocorreu nos países europeus, aqui, primeiro mudaram-se as instituições e depois os valores.

Esse atraso também é percebido por Holanda (1987), que vê nossa origem portuguesa como a grande mazela brasileira, por sua colonização com raízes rurais e a predominância do privado sobre o público. Outro motivo pelo qual o Brasil falhou é que, na visão de Holanda (1987), somos homens cordiais, ou seja, pessoas regidas por sentimentos e emoções no lugar na razão. Essa predisposição para o lado sentimental foi

levada aos órgãos do Estado, dando origem ao patrimonialismo e também à desvalorização de todo trabalho que não seja intelectual (Holanda, 1987).

Essa ideia de um Brasil atrasado e preso aos moldes de nossa colonização definiram, em grande medida, a ideia de Brasil que temos hoje. Porém, a realidade contemporânea é muito distinta daquela em que os autores estavam inseridos. Schwarcz e Starling (2018) defendem que o Brasil é marcado por contrastes. Ao mesmo tempo que é, sim, um lugar onde se predominou a mistura de etnias e culturas, também é uma nação fundada na violência.

Na visão de Brasil das autoras, somos um país onde reina a dualidade. Porém, nem sempre essa característica é preservada nas imagens construídas sobre o país no exterior. Muitas vezes, os correspondentes internacionais recorrem aos estereótipos e clichês pela impossibilidade de se aprofundarem no tema, seja por falta de tempo ou de espaço. No caso do Brasil, Paganotti (2007) observa que eles se dividem em quatro tipos: o Brasil “verde” (com ênfase nas características naturais do país), o Brasil “de lama” (cujo enfoque é a corrupção, a política e o subdesenvolvimento), o Brasil “de sangue” (que aborda temas como o tráfico, a violência e a pobreza generalizada) e o Brasil “de plástico” (que inclui temáticas ligada a visão publicitária do Brasil, como as festas de carnaval e a sexualidade).

Essas características ligadas ao estereótipo da nação não costumam ser alteradas com facilidade. Ainda assim, Buarque (2022) acredita que, ao longo dos governos de Fernando Henrique Cardoso e de Luiz Inácio Lula da Silva, houve um avanço no estabelecimento do Brasil como um país sério. Contudo, a partir de 2017, o autor percebe um rebaixamento da marca “Brasil” e da reputação do país, especialmente porque o futuro da democracia brasileira estava em risco.

Buarque (2022) aponta diversos fatores que contribuíram para essa queda de reputação. Entre eles estão o impeachment da presidente Dilma Rousseff, os rumos tomados pela Operação Lava Jato, a greve dos caminhoneiros e os pedidos por uma intervenção militar. Porém, para Buarque (2022) foi a eleição de Bolsonaro e seu comportamento como presidente da República que mais colocaram o Brasil em foco aos olhos estrangeiros.

Ainda que, tradicionalmente, situações passageiras não costumem impactar na maneira como uma nação é vista pelas demais, Buarque (2022) vê nos resultados de pesquisas de opiniões globais que os líderes de um país podem funcionar como “garotos

propaganda”, auxiliando ou dificultando nas negociações com outras nações. No caso brasileiro, um líder que facilite essas negociações é ainda mais importante, já que, “O país não é uma potência militar e econômica, e muito do que o país alcança internacionalmente depende do prestígio do país, da imagem que o resto do mundo tem dele” (Buarque, 2022, p.171).

Essa imagem, por sua vez, pode variar conforme o que é noticiado internacionalmente (Buarque, 2022). Para o autor, se Lula projetou o Brasil como uma nação conciliadora, defensora do meio ambiente e da democracia, Bolsonaro colocou tudo isso a perder, com uma gestão ruim da pandemia de covid-19, resultados negativos na área ambiental e até um desgaste do Itamaraty. No governo Bolsonaro, o Brasil teria atingido uma de suas piores imagens na história (Buarque, 2022).

O ataque do partido

Neste artigo, analisaremos o texto “On Eve of Election, Bolsonaro’s Party Attacks Brazil’s Voting Systems” (Na véspera das eleições, o partido de Bolsonaro ataca o sistema de votação do Brasil), considerado pelo buscador do jornal *The New York Times* como o mais relevante do mês envolvendo os termos “Brazil” e “Bolsonaro”. Ele foi avaliado conforme os seguintes critérios de análise: 1) valência em relação à imagem do Brasil; 2) valência em relação a Bolsonaro; 3) paralelo ou associação com os Estados Unidos ou com Trump, 4) enquadramento noticioso, 5) estereótipos de Brasil e 6) fontes acionadas (Lage, 2009).

Avaliando o texto, pudemos notar que o artigo privilegia um enquadramento episódico, focado no fato e nas consequências imediatas dele. Na ocasião, relatam Nicas e Spigariol (2022, s/n), o partido de Jair Bolsonaro, que disputava uma possível reeleição, “released a document that claimed, without evidence, that a group of government employees and contractors had the ‘absolute power to manipulate election results without leaving a trace’” – em português: divulgou um documento que afirmava, sem provas, que um grupo de funcionários e prestadores de serviços do governo tinha o “poder absoluto de manipular os resultados eleitorais sem deixar rastros”.

Além de noticiar, o jornal interpreta o fato levando em conta o contexto de que o próprio presidente da República havia, por meses, levantado dúvidas sobre o sistema eleitoral brasileiro. Para o NYT, autoridades brasileiras e internacionais estavam “growing increasingly worried that the far-right leader was setting the stage to dispute an

election loss” (Nicas e Spigariol, 2022, s/n) – ou seja, ficando cada vez mais preocupados que o líder de extrema direita estivesse se preparando para questionar uma derrota eleitoral – e esse sentimento tinha motivo para aumentar após a declaração do partido de Bolsonaro. O jornal classifica ainda que “It was among the most significant attacks yet against Brazil’s election system” (*Ibid.*) – em português: o documento foi um dos ataques mais significativos contra o sistema eleitoral do Brasil.

Dadas essas posições, não há como negar que o artigo reforça o estereótipo do país como um lugar onde as instituições são precárias, podendo, portanto, ser ameaçadas. Essa interpretação se baseia em informações obtidas por uma fonte oficial – o documento lançado pelo partido de Bolsonaro (cujo nome não é mencionado) – mas também em fontes independentes, uma vez que afirma que os ataques aconteciam há meses. Alguns desses ataques são descritos ao longo do artigo, sempre baseados em fontes independentes, geralmente em matérias jornalísticas. Há referências com links diretos para matérias do próprio NYT à ocasião em que Bolsonaro reuniu diplomatas estrangeiros para atacar o sistema eleitoral e também para o texto sobre o apoio dos militares aos questionamentos do presidente. Isso, conforme interpretação do jornal, estaria “raising fears that the armed forces could support any effort to hold onto power” (Nicas e Spigariol, 2022, s/n) – em português: aumentando temores de que as forças armadas possam apoiar qualquer esforço para manter o poder.

Outras fontes independentes citadas são pesquisas eleitorais, ainda que não sejam especificadas, o jornal informa que “pesquisas” indicavam Lula a frente de Bolsonaro desde 2021, com chances de que o então ex-presidente vencesse ainda no primeiro turno. As pesquisas são usadas também para apresentar o número de votantes de Bolsonaro que desconfiam do sistema eleitoral, que representaria 75% do total, conforme o dado apresentado pelo jornal.

“Observadores internacionais” citados no texto também podem ser compreendidos como fontes independentes. São eles os responsáveis por trazer uma comparação entre Bolsonaro e Donald Trump e entre o Brasil e os Estados Unidos. Conforme descrito no artigo, eles teriam medo de que Bolsonaro agisse como Trump nas eleições de 2021 nos EUA. Esse ponto também é abordado por uma fonte oficial: o Senado estadunidense, que emitiu uma resolução pedindo que a Casa Branca condenasse os questionamentos de Bolsonaro às eleições e que não apoiasse um governo brasileiro que não fosse eleito democraticamente.

Também são consideradas fontes oficiais os posicionamentos do Tribunal Superior Eleitoral (identificado apenas como a autoridade eleitoral do Brasil) e do Supremo Tribunal Federal com relação ao documento publicado pelo partido de Bolsonaro. Enquanto o TSE chama o documento de desonesto, o STF afirma que abriu investigação contra o partido. Além disso, explica o NYT, o TSE lembrou em sua declaração que candidatos e políticos eleitos que compartilhassem notícias falsas sobre o sistema eleitoral poderiam ter suas candidaturas ou mandatos caçados o que, para o jornal, impediu que muitos políticos compartilhassem o documento do partido online.

Ainda assim, atuando como fontes testemunhas, Nicas e Spigariol (2022) relatam que o documento foi amplamente compartilhado por apoiadores de Jair Bolsonaro, incluindo a deputada Carla Zambelli. Porém, utilizando os rituais estratégicos da possibilidade de conflito e da citação judiciosa (Tuchman, 1996), o artigo traz a fala de três fontes especialistas, sendo que dois deles (os pesquisadores Diego Aranha e Marcos Simplicio) explicam que as alegações do documento são infundadas e um (o cientista político Mauricio Santoro) explica o motivo de o documento ter sido divulgado há quatro dias das eleições: tentar explicar uma possível derrota.

O somatório das falas das fontes revela que o Brasil, apesar de ter sua democracia ameaçada pelo presidente e seu partido, também tem movimentos que resistem a esse ataque, o que também faz parte do estereótipo do país. Com isso, enquanto a valência com relação à imagem de Bolsonaro é negativa, por ser ligado a um ataque à democracia, a valência com relação à imagem do Brasil é neutra.

Considerações finais

A partir da análise das categorias avaliadas nesta pesquisa, pudemos perceber que houve o reforço do estereótipo do Brasil como um lugar de fragilidade institucional, especialmente em decorrência de ações de Jair Bolsonaro e seus aliados. Contudo, as reações das instituições brasileiras demonstraram que, hoje, elas são sólidas, sendo mais difícil que uma ameaça a elas seja bem-sucedida. Essa realidade resulta em uma valência neutra sobre a imagem do Brasil, mesmo que as ações de Bolsonaro impeçam que a imagem do país seja retratada de forma positiva.

A diversidade de fontes utilizadas pode ser interpretada como um indicativo da relevância atribuída ao tema e ao país pelo *The New York Times*. Essa ideia se reforça à medida que se estabelece um paralelo entre o que acontece no Brasil e nos Estados

Unidos, com envolvimento do Senado estadunidense em um fato ocorrido no Brasil. Além disso, a presença de contextualização e interpretação de fatos mesmo dentro de um texto com prevalência do enquadramento episódico, também demonstra a importância do Brasil no cenário internacional.

Referências

- ARIAS, J. Por que a guerra de Bolsonaro contra a mídia prejudica a imagem do Brasil no mundo. **El País**, 1 abr. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/04/opinion/1546636281_491737.html. Acesso em: 11 jun. 2025.
- BARBATO, L. F. T. A construção da identidade nacional brasileira: necessidade e contexto. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 8, n. 15, p. 1-15, 2014.
- BARBOSA, M. C. **Percursos do olhar**: comunicação, narrativa e memória. Niterói: EdUFF, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Editora 70, 2011
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRAGA, J. L. **Constituição do campo da comunicação**. Verso e Reverso, v. 25, n. 58, p. 62-77, 2011.
- BRASIL, A. A construção da imagem do Brasil no exterior: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais. **Revista FAMECOS**, v. 19, n. 3, p. 775-794, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12901>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- BUARQUE, D. **O Brasil é um país sério?**. 1. ed. digital. São Paulo: Pioneira Editorial, 2022.
- D'ANGELO, P.; SHAW, D. Journalism as Framing. In: VOS, T. (ed.). **Journalism**. Berlim: De Gruyter Mouton, 2018. p. 205-234. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9781501500084-011>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- FREYRE, G. **Sobrados e mocambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2004.
- HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

-
- LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa.** Rio de Janeiro: Record, 2009.
- LISBOA, K. M. **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820).** São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1997.
- MARCONDES FILHO, C. **O capital da notícia.** São Paulo: Ática, 1989.
- MARIM, D. C. Imagem do Brasil ruiu no exterior com Bolsonaro, dizem especialistas. **Veja**, 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/imagem-do-brasil-ruiu-governo-acabou-e-bolsonaro-deve-sair>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- NICAS, Jack; SPIGARIOL, André. On Eve of Election, Bolsonaro's Party Attacks Brazil's Voting Systems. **The New York Times**, 29 set. 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/09/29/world/americas/election-bolsonaro-brazil-fraud.html?searchResultPosition=1>. Acesso em: 14 fev. 2025.
- PAGANOTTI, I. Imagens e estereótipos do Brasil em reportagens de correspondentes internacionais. **RuMoRes**, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2007.51102>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- PORTO, M. P. Enquadramentos da mídia e política. In: **XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS**, 2002.
- SALES, C. M. R. **O Brasil na Economist: pensando a influência do perfil político-ideológico da revista na formação da imagem internacional do país.** 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.
- SKIDMORE, T. **O Brasil visto de fora.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil: uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SCHWARTZ, S. B. Gente da terra brasileira da nação. In: MOTA, C. G. (org.). **Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000).** Formação: histórias. São Paulo: Senac, p. 103-126.
- THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 1998.
- TUCHMAN, G. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** Lisboa: Vega, 1996.